

## O ACERVO COMO ESPAÇO DE CRIAÇÃO

Lília Pessanha

Em tempos incertos da pandemia de covid-19 que se estende mundo afora, medidas restritivas tais como o distanciamento social e isolamento domiciliar foram tomadas. Quarentenados por um período de tempo indeterminado, os indivíduos se veem rodeados por quatro paredes e uma infinidade de imagens das mais diversas possíveis advindas da televisão, do celular, do notebook e outros meios tecnológicos.

Não há como negar que houve um aumento considerável do consumo imagético no contexto atual que vivenciamos, contudo é questionável sua produção em larga escala uma vez que o excesso pode se encaminhar para um viés redutor. Imagens transitórias e que apresentam alto índice de fugacidade. Até que ponto é necessário continuar nesse fluxo desenfreado de produções imagéticas das quais muito pouco absorvemos? O montante iconográfico gerado não deixa resíduos?

Peixoto (2003, p. 209), em uma ampla abordagem em torno do assunto e sua influência direta em grandes centros urbanos, indaga a respeito da permanência e efemeridade das imagens da atualidade: “As imagens atuais têm tempo? [...] Seriam capazes de durar mais, de não passar tão depressa?”. A voracidade da vida contemporânea, os acelerados deslocamentos cotidianos e a rapidez com que nosso olhar perpassa sobre as coisas acabam por resultar de uma ausência de tempo.

Algo já identificado por Simmel (1973, p. 14), décadas passadas, que tais comportamentos metropolitanos são consequência dos fenômenos estruturantes da modernidade. Para o sociólogo, essas visualidades – sejam elas duradouras, pouco divergentes de uma para outra, com certa regularidade ou rotineira – geram uma menor consciência se comparadas a uma maior aleatoriedade e fragmentação imagética em constante mudança e que, portanto, são facilmente “apreendidas com uma única vista de olhos”. A exemplo disto, podemos mencionar o fluxo contínuo de imagens nas tevês. O espectador, ao mudar facilmente de canal a qualquer sinal de desinteresse, acentua o rompimento da continuidade. Ainda assim, consegue articular as mais desconexas imagens durante a troca de um canal para outro.

Não em vão, a prática do colecionismo e ressignificação imagética, muito recorrente entre os artistas contemporâneos, tem se apresentado cada vez mais em voga tempos outros e, principalmente, em tempos atuais no completo isolamento que nos encontramos. Ora, distanciados da sociedade e, por prudência, impossibilitados de sair às ruas, os artistas se veem na necessidade de retornar ao arquivo a ser tratado ou reinventado. Como Chiarelli (2002) menciona, tais produções

envolvem uma recuperação das imagens por meio de um “banco de dados” – pessoal ou público – de todas as imagens produzidas até então.

Veremos ao longo do texto que o retorno ao acervo compreende uma espécie de reciclagem e/ou resignificação do arsenal de imagens arquivadas em gavetas. “São imagens que se encontram a espera de um olhar”, comenta o artista e cineasta Cao Guimarães em seu longa metragem *Espera*<sup>1</sup>, produzido em 2018 e que vem a tratar das imagens que caíram em esquecimento.

Autodeclarado colecionador de imagens, Guimarães nos mostra em seu longa metragem os vários rolos de filmes analógicos – fotográficos e cinematográficos – não relevados, armazenados por anos na geladeira de sua casa. Há tanto tempo em estado de repouso que por pouco a memória não lhe traiu: “Às vezes, de tanto esperar esquecemos o que esperamos. E o que esperamos fica menos importante do que o simples esperar”.

Cada dia mais praticante do resgate de restolhos de suas obras passadas ou algumas que nem ao menos chegou a ganhar visibilidade, Guimarães se vê diante das inúmeras possibilidades do acervo. Utiliza, reutiliza, complementa e revisa as imagens, adequando-as a determinados trabalhos. Seu intuito é fazer com quem a obra deixe o âmbito privado para alcançar o interesse público. Afinal, uma imagem não vista deixa de exercer sua função primordial: de transmitir informações e/ou sensações (Figura 1).

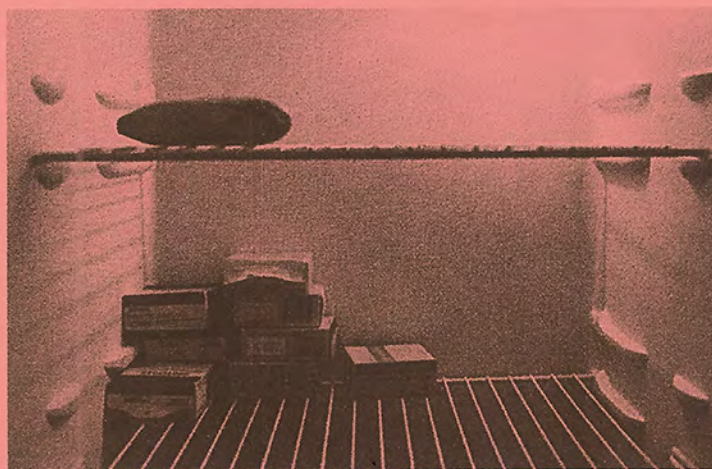


Figura : Filmes analógicos em geladeira do artista.  
Fonte: Livro CAO, 2015, p.117; frame do longa metragem *Espera*.

Contudo, podemos observar que o retorno ao acervo não é apenas de interesse único e exclusivamente de artistas. Em uma tentativa de contornar os transtornos gerados pela pandemia e atuando como formas de adaptação frente aos novos tempos, no início de maio deste ano, a Pinacoteca de São Paulo anunciou nas redes sociais sua primeira exposição online intitulada

---

<sup>1</sup> Não há previsão para a data de lançamento do longa metragem. A autora só obteve acesso ao filme por meio de uma cortesia do artista.

*Distância: uma seleção de vídeos e filmes da Pinacoteca.* A instituição, pela primeira vez, disponibiliza em seu canal do *youtube*, por tempo determinado, os materiais audiovisuais dos artistas selecionados e que se encontram presentes em seu acervo salvaguardado. Como menciona a curadora Ana Maria Maia (2020), “eles ganham uma versão adaptada para o ambiente virtual, no qual, ao invés de espaço físico, ocupam janelas de visualização”.

Na exposição, podemos observar os trabalhos audiovisuais de artistas que vem a pertencer gerações distintas. São eles: Cao Guimarães, Dalton Paula, Letícia Parente, Marcellvs L. e Sara Ramo. O critério de seleção utilizado, em meio a tantos outros trabalhos armazenados no acervo do museu, se deu pela ideia de indivíduos que, por motivo outro, foram afastados da sociabilidade e que acaba por refletir no contexto atual.

Para além do retorno ao acervo, uma vez que todos os trabalhos em questão foram realizados anos antes, Maia acaba por torná-lo em um espaço de movimentações e de constantes transformações de olhares. “Esses personagens evocam o espectador a sentir um pouco do que eles sentem: a incerteza da espera, a força silenciosa da resiliência, o estado de busca diante de ciclos que se repetem” menciona a curadora (2020). Não por acaso, o cinema e a fotografia de janela também passam a ganhar maior visibilidade e adeptos no presente momento. Ora, os artistas que não estão regressando aos seus bancos de imagens, estão produzindo dentro do viés cotidiano. No mais, o hábito de olhar pela janela acabou por se tornar o único meio de registrar o que acontece do lado de fora.

Ao tratar das produções artísticas em meio à pandemia, podemos mencionar a editora Ipsis que anunciou no dia vinte e oito de abril em suas redes sociais uma iniciativa para ajudar as populações mais vulneráveis neste período. O projeto conta com a participação de oito fotógrafos e oito designers, resultando na publicação de oito livros. O intuito é estimular os artistas a tirarem das gavetas projetos fotográficos que se encontravam, por tempo indeterminado, arquivados.

Intitulado como *Quarentena Books*<sup>2</sup>, a editora finalizou o projeto em um período de dois meses e conta com a participação de artistas como Ana Carolina Fernandes, Bob Wolfenson, Cássio Vasconcellos, Claudia Jaguaribe, Cristiano Mascaro, Daniel Klajmic, Paulo Fridman e Rodrigo Koraicho. Entre os pequenos textos descritivos, Mascaro (2020) explana acerca da possibilidade de trazer à tona retratos de anônimos nos quais ele havia registrado ao longo de sua carreira fotográfica: “Finalmente neste período de confinamento pude rever meus arquivos em filme e finalmente achei o tempo que precisava para materializar este projeto”.

Em *Sub/emerso*, um dos livros apresentado, nos deparamos com o trabalho de Bob Wolfenson, quem teve seu acervo atingido por uma enchente em fevereiro deste ano. Em meio ao estrago

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://quarentenabooks.com/>. Acesso em: 21 jun. 2020.

ocasionado e já desiludido por uma possível recuperação dos materiais fotográficos, Wolfenson encontrou nas fotografias danificadas o que o mesmo chama de “transformação estética” em andamento. “As fotos ganhavam tridimensionalidade e novas formas”, derivadas do longo período das imagens, como já nos informa o título do livro, submersas nas águas sujas (2020) (Figura 2).



Figura : À esquerda: Imagem finalizada, *Sub/emerso*, Bob Wolfenson (2020). À direita: Imagem pendurada em varal em processo de secagem.  
Fonte: Revista Quatrocincoum.

Visualizamos no trabalho do artista uma constante presença da ação da passagem do tempo e uma desconstrução da imagem. Algumas atenuantes: manchas, desbotamentos, papéis enrugados com vestígios de lama. Estas características nos fazem remete-las a imagens antigas. O fazer natural da natureza vem a ressignificar os retratos de famosos. Por parte de Wolfenson, identificamos um olhar atento e refinado ao notar um arquivo reinventado e belo em meio ao caos.

Quando tratamos de acervo e catalogação de materiais, também estamos tratando de um inventário da memória. Há uma vontade de inventariar as coisas do mundo. Os artistas aqui mencionados e tantos outros que atuam como colecionadores de imagens acabam por exercer, concomitantemente, a função de caçadores de imagens esquecidas. Imagens analógicas que se encontram em gavetas, geladeiras ou arquivos públicos; imagens digitais que se apresentam como um arsenal de resíduos iconográficos, muitas das vezes sem finalidade e disfuncional. O que estes artistas buscam resgatar em meio ao esquecimento, para além da memória afetiva, é uma fotografia polivalente de significados. Ressignificá-las é trazer novas visibilidades, lhes dar a chance de interpretações outras, de novas possibilidades de serem vistas pelo mundo.

Ao final de sua longa metragem *Espera*, Guimarães (2018) nos indaga com alguns questionamentos: “Aquelas imagens saíram de seu estado de repouso [...]. Já não esperam por um olhar. Agora somos nós quem as olhamos. Agora somos nós quem esperamos. Nós, espectadores, esperamos pelo o que?”.

## REFERÊNCIAS

CHIARELLI, Tadeu. *Arte Internacional Brasileira*. São Paulo: Lemos-Editorial, 2002.

***DISTÂNCIA: uma seleção de vídeos e filmes da Pinacoteca***. 2020. Disponível em: <<http://pinacoteca.org.br/distancia-uma-selecao-de-vidEOS-da-pinacoteca/>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens urbanas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

WERNECK, Paulo. ***Depois da tempestade: Acervo fotográfico de Bob Wolfenson, inundado em fevereiro deste ano, reemerge em livro***. Quatro cinco um, São Paulo, 26 jun. 2020. Disponível em: <<https://quatrocinco.um.folha.uol.com.br/br/artigos/a/depois-da-tempestade>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

WOLFENSON, Bob. *Sub/emerso*. São Paulo: Ipsis, 2020.